
A clave do poético,
de Benedito Nunes, Victor Sales Pinheiro (org.)
São Paulo, Cia das Letras, 2009.

Ana Maria Haddad Baptista

Mestra e doutora em Comunicação e Semiótica.
Pós-doutora em História da Ciência. Pesquisadora e
professora – Uniove.
São Paulo – SP [Brasil]
professoraanahb@gmail.com

A Clave do Poético, Benedito Nunes, organização de Victor Sales Pinheiro, Companhia das Letras, reúne os principais ensaios do grande pesquisador da Universidade do Pará, bastante conhecido pela seriedade e pela singularidade de seus estudos, especialmente, em se tratando de Filosofia e Literatura.

A obra é dividida pelo organizador em duas partes. A primeira *Pensando a Literatura* e a segunda *Crítica de autores*. Cada uma delas traz ensaios de Nunes direcionados para os títulos em referência.

Na verdade, todos os ensaios contidos na obra são excelentes, contudo, teremos que selecionar alguns para que não fiquemos num texto demais panorâmico, fugindo, dessa forma, de discussões essenciais expostas no livro. Não seria justo. A erudição de Benedito Nunes é rara, raríssima nos dias de hoje. Cada ensaio produz, em nós, leitores, um efeito devastador, visto que joga com tantos referenciais e questionamentos que fica quase difícil apreendê-lo como mereceria.

O primeiro ensaio da Parte I, ou seja, *Meu caminho na crítica*, merece destaque. Nunes esboça de forma generosa e fundamentada (nada de esnobismos ou falsa modéstia) suas diretrizes intelectuais, discorrendo sobre Literatura e Filosofia. “Não sou um duplo, crítico literário por um lado e filósofo

por outro. Constituo um tipo híbrido, mestiço das duas espécies. Literatura e Filosofia são hoje, para mim, aquela união convertida em tema reflexivo único, ambas domínios em conflito, embora inseparáveis, intercomunicantes.”

Nessa perspectiva, Nunes explica o que ele compreende por tal junção, isto é, entre Literatura e Filosofia. Esboça o que as áreas possuem em comum, um ponto relevante seria a linguagem. Um exemplo, bastante feliz, citado por Nunes: a *Ética de Spinoza* e a *Comédia de Dante*. Ambas poéticas, isto é, a linguagem pela qual são materializadas e que, portanto, faz com que tais obras atravessem os tempos “dirigindo-se a leitores, para veicular-lhes uma mensagem estética, ou seja, uma maneira de sentir por imagens, se a obra é literária, mormente se for poesia, ou para veicular-lhe uma maneira de pensar, munida de recursos retóricos para persuadi-los, se a obra é filosófica”.

Poucos são os pensadores, em geral, que conseguem, realmente, materializar os limites e as possíveis interfaces entre a Literatura e a Filosofia. Nunes, define, com a clareza e a profundidade que sempre foram a sua marca registrada, tais relações, tão importantes para as áreas, assim como para aqueles que trabalham na mesma linha. Dessa forma, prossegue Nunes, e aqui está um ponto fun-

damental em sua linha de pensamento: tanto a Literatura quanto a Filosofia não se misturam. Há uma identidade em cada uma das áreas que as distingue. Elas não são coincidentes, no entanto, “enriquecem-se mutuamente”. A Filosofia pode fornecer instrumentos para torná-la objeto de suas reflexões e indagações, ao passo que a Literatura poderá conter elementos filosóficos, eis a grande chave do percurso de Nunes. O autor apenas reforça que não há uma perda de especificidade das áreas como demonstram, objetivamente, ao longo da história os exemplos de Literatura e Filosofia.

Um outro ensaio do livro de Nunes que deve ser destacado é o *Conceito de forma e estrutura literária*. Este ensaio deve ser lido com calma, de forma reflexiva, tal é a riqueza de obras e os conceitos que o autor nos coloca. O autor parte de três postulados para cumprir os objetivos aos quais se propõe: “a historicidade, o relacionamento da prática e da teoria literárias e o vínculo da literatura com o regime do saber”.

De acordo com ele, a historicidade compreende o aspecto temporal dos conceitos, ou seja, o conhecimento possui determinadas matrizes, “a cultura implícita ao período em que vivemos já nos fornece os pressupostos, as regras e os princípios de interpretação que regulam o uso de conceitos gerais”. Nunes, nessa medida, expõe o quanto estamos condenados a determinados filtros externos e internos ao fazermos a interpretação de uma cultura, assim como de uma obra literária. Conceitos são processos temporais, tal condição é inescapável, enfatiza.

Ao longo do texto, entre outras coisas importantes, destaca a questão da literariedade. Não se pode negar, de acordo com o autor, a relação da literatura com outras “esferas da cultura”. Tal fato, de certa forma, é novo. Sabe-se que literatura e outros campos do saber não tinham a separação estrita

que possuem hoje, por uma série de elementos que cercam a questão; do contextual até o papel específico de um autor. De tal modo que a literatura precisou dar um maior grau de identificação ao seu próprio fazer literário, ou seja, literariedade, que poderia ser definida como a consciência da literatura enquanto literatura. O que a distingue de outras práticas da linguagem? Para responder, Nunes, se vale, inclusive, de Foucault, fazendo uma alusão à famosa obra do filósofo francês *As palavras e as coisas*. Na obra em questão, Foucault enfatiza, entre tantos outros itens, que a linguagem de um modo geral, antes do século XIX, tinha por função nomear e reconhecer os elementos contidos na natureza. Dessa forma, havia uma espécie de mundo a ser decifrado. De uma maneira geral, os textos, de diversas esferas do conhecimento, lidavam com símbolos a serem decifrados, interpretados. O mundo se mostrava por ele mesmo. O estudioso, o pensador, o escritor decifram as mensagens contidas na natureza. Há uma relação de analogia entre as palavras e as coisas que, gradualmente, se dissolve.

A partir do século XIX, ainda na esteira de Foucault, as palavras e as coisas se separam. A relação de analogia tende ao desaparecimento. Assim, a literatura é obrigada a pensar, como nunca havia ocorrido anteriormente, em sua própria especificidade. Surge, intensamente, para suprir a distância entre as palavras e as coisas. Dessa maneira, o conceito de literariedade deve ser distinto, estudado, mostrado no texto, pelo texto. Imagens, metáforas, sinédoques e outros recursos estilísticos propriamente ligados à função poética da literatura. Nessa medida, segundo o autor, estrutura e forma literárias são conceitos dignos de uma reflexão à luz de tais mudanças.

Contudo, para fundamentar sua postura — e é neste momento que o ensaio de Nunes traz um ponto caríssimo, de contribuição inestimável —,

faz uma síntese das questões do estético ligadas a Kant. O filósofo em referência, como se sabe, trouxe à tona a famosa questão do juízo estético. Nunes retoma a clássica e irrespondível questão: qual seria o grau de invariabilidade, o grau de universalidade que validaria o Belo e o estético? Sabe-se que Kant, entre tantas outras contribuições preciosas para o pensamento humano, coloca em xeque a perspectiva relativa ao Belo estabelecida pela Antiguidade. Ou seja, conforme é sabido, o Belo estaria nas coisas em si, seria uma propriedade intrínseca ao objeto, nessa medida, uma obra era, predominantemente, produto de uma objetividade, muito mais do que de uma subjetividade, haja vista, diga-se de passagem, que a figura do autor, praticamente, era desconhecida em obras literárias e artísticas em geral.

Kant, de certa forma, muda radicalmente a perspectiva da Antiguidade. O Belo está fundado numa subjetividade. Declara Nunes: “O juízo estético fundamenta-se, portanto, num estado subjetivo, muito embora as apreciações de gosto não sejam, como as de gosto sensível, estritamente individuais, e possam valer para outros ou para todos os sujeitos humanos”.

A posição kantiana, em termos de compreensão da obra literária e de sua forma traz algumas questões: “Se a qualificação estética da poesia deriva de seu poder para representar ideias, ideias poéticas por direito de nascimento, e que as palavras se destinam a veicular, o médium verbal é o revestimento daquilo que já foi elaborado pela imaginação”, afirma Nunes.

Posteriormente, o autor traz outras ponderações importantes sob a perspectiva de várias teorias estéticas. Conclui o ensaio em referência afirmando que para se pensar de forma estrutural a obra literária é necessário pensá-la, especialmente, enquanto um foco de sentido que nasce, na verdade, de múltiplas correlações.

Os outros ensaios presentes em *A Chave do Poético* trazem posições e análises de Nunes que, como sempre, buscam colocar em discussão autores, obras, interpretações que tocam pontos polêmicos em se tratando de crítica, estrutura e forma literárias.

Uma obra, como a de Benedito Nunes, incentiva os bons leitores, críticos, professores e pesquisadores que, ainda hoje, apesar de toda a concorrência (muitas vezes desleal) a que a boa literatura está sujeita, demonstra que ainda vale a pena ler, interpretar e fazer da literatura uma verdadeira potencializadora de vida, prazer e fruição. A literatura adensa o sentido da existência humana para muitos. Inclusive, para Nunes. Se por um lado há um exagero em se buscar na Literatura um mero pretexto para determinadas teorias, como afirmam alguns, Nunes desmente tal postulado ao argumentar, em várias passagens do livro, a importância e o rigor das diversas correntes da crítica que auxiliam a Literatura para se extrair dela o que há de melhor: poeticidade.

Referências

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 5ª.ed. São Paulo, Martins Fontes, 1990.

KANT, Immanuel. *Kant*. Tradução de Valerio Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo, Editora Nova Cultural, [s.d.].

NUNES, Benedito. *A chave do poético*. Organização e apresentação de Victor Sales Pinheiro. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

Ana Maria Haddad Baptista é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica. Pós-doutora em História da Ciência. Pesquisadora e professora da UNINOVE.
